

Prólogo: O Aprendiz do Demônio

Algumas pessoas costumam acreditar que após a morte, o falecido é recompensado com o descanso eterno. Algumas pessoas acreditam que há um mundo melhor do outro lado. Que depois de uma vida de sofrimento, todos merecem encontrar-se com os seus entes queridos para desfrutarem da vida eterna e elevarem sua alma imortal. Mas com certeza nenhuma dessas pessoas é um necromante.

Necromantes sabem que ninguém que morre descansa de verdade. Afinal, são eles mesmos que forçam os mortos a se erguerem mais uma vez no mundo dos vivos, somente para atenderem ao seu chamado. São eles que profanam o sono sagrado dos defuntos, e que riem em desprezo diante da vida e da morte. Necromantes não acreditam num futuro após a morte, pois sabem o que os espera quando se forem. Conhecem os segredos de uma existência vazia. E há muito tempo deixaram de acreditar em qualquer crença. Pois não há paraíso para quem foi tocado pela arte das Trevas.

Nesse exato momento, duas jovens crianças eram iniciadas nesse caminho sombrio e sem volta. Duas crianças, irmãos de sexos opostos, como os seus antecessores, estavam prestes a conhecer o lado mais nefasto de um ser humano. Ou do que algum dia já havia sido um ser humano. Pois esse era o momento ideal. O momento ideal para apresentá-las à verdade por trás da verdade. Pois do que adiantaria despedaçar um coração que já estivesse maculado?

Em seu castelo, o necromante não costumava receber visitas. Pois a maioria das pessoas o temia. Com razão. Seu castelo, sua moradia, perdida entre árvores infundáveis, era apenas uma de suas fortalezas, o local onde ele poderia descansar, antes de começar a agir. O local para conduzir suas pesquisas e gastar o seu tempo infinito, antes que o dia chegasse. Todos na região evitavam se aproximar de lá, tornando qualquer visita, por mais ínfima que fosse, um evento extraordinário. E não havia melhor cura para o tédio do que o extraordinário.

-Por favor, senhor. -pediu-lhe uma das duas crianças. Um homem. Um menino. -Não temos para onde ir. Precisamos muito da sua ajuda. -ele ajoelhou-se. Suas calças estavam rasgadas. Provavelmente por causa dos espinhos que infestavam aquelas florestas. O necromante ergueu os olhos, e examinou a criatura desprezível que tinha diante de seus olhos.

Pequeno e fraco. Exatamente como ele, quando tudo começara. Tinha mãos delicadas de um estudioso, mãos que estavam cortadas e feridas, por causa dos últimos acontecimentos. Os acontecimentos desencadeados por ele próprio, o necromante se recordou. Tinha os cabelos dourados, cabelos bem cuidados, cabelos de príncipe. Devia ter uma vida boa nesses tempos difíceis. Certamente não era filho de nenhum aldeão. Estava magro, porém. E sentia-se nele o cheiro da fome. Caso não o acolhesse, com certeza ele morreria sozinho, na floresta.

Mas o necromante não perdeu muito tempo com o garoto. Desde o princípio, seus olhos só

tinham interesse numa única coisa. Uma coisa que despertava o seu interesse de uma maneira que até mesmo ele desconhecia. Ele sorriu, por baixo de sua máscara de ossos. E ignorando o garoto que falava, dirigiu-se à garota, quase não conseguindo conter sua satisfação.

-Entrem. -pediu ele. -Vocês podem entrar. Devem estar com fome. Vou preparar algo gostoso, e então vamos nos divertir muito juntos. -abrindo a porta, ele fez um movimento para que as crianças entrassem. O garoto hesitou. Já a menina ficou de pé, aceitando a mão que o necromante oferecia à ela.

-Senhor! Com licença, senhor! -bradou o garoto, correndo atrás de sua irmã, que aceitava a gentileza desse homem estranho como estava costumada a aceitar a gentileza de qualquer um dos seus antigos serviçais. -Quer dizer que podemos ficar?

-Quantos anos você tem? -o necromante perguntou à garota, ignorando seu irmão.

-Sete. -ela respondeu, com certa timidez.

Sete anos. Não poderia ser melhor.

-E o seu irmão?

-Oito. -respondeu ele. -Eu tenho oito anos, senhor.

Ele olhou com desgosto para o menino. Assustado, ele deu dois passos para trás. Era velho demais. Não serviria para nada. Aconteceria com esse menino o mesmo que acontecera com a irmã mais velha do necromante. Sua querida irmã, incontáveis anos atrás. Quando a situação era outra. E era ele quem andava de mãos dadas com o Senhor dos Mortos.

Como o destino era curioso. As histórias se repetiam. Não era possível que isso fosse uma mera coincidência. Era cedo, decerto. Cedo demais para a chegada das duas crianças. Mas já estava escrito que elas viriam. Ele não sabia quem seriam, e nem mesmo se elas realmente viriam. Mas estava errado em desacreditar. Elas tinham chegado, e finalmente ele poderia cumprir a sua função. A função que havia herdado de seu antecessor, e que quando chegasse sua hora, passaria para uma dessas duas crianças. Finalmente, os seus estudos dariam frutos. Pois chegara a hora de passá-los adiante.

Lentamente, os três caminharam pela entrada do castelo do necromante. Todo o interior era revestido de um metal negro e vermelho. Tanto o chão, como o teto, as paredes e as colunas que sustentavam os andares posteriores. Próximo aos portões, havia dois grandes vasos, cada um com um pequeno e estranho cacto vermelho. À frente, subia uma escadaria, e logo atrás dela, havia uma imensa mesa de jantar.

O necromante caminhou até ela, e puxou uma cadeira para a menina sentar. Ela agradeceu, baixinho, enquanto o garoto pedia licença e puxava uma cadeira ele mesmo. Sentando-se na cabeceira, o homem da máscara de ossos debruçou-se sobre a mesa.

-Crianças, escutem. -disse ele, com um brilho nos olhos. -Não sei o que já ouviram de mim. Mas posso lhes assegurar de que nada do que ouviram é verdade. Eu não sou nenhuma espécie de feiticeiro. Moro afastado porque sou diferente, e as pessoas normais tem medo de

tudo o que é diferente. Mas vocês não precisam ter medo de mim.

Era melhor assim. Era melhor que antecipasse as coisas, para que não houvesse temor algum naqueles belos olhos negros e amendoados. Para que quando o momento chegasse, o sentimento fosse muito mais profundo. Muito mais puro. Muito mais belo. Era melhor que relaxassem por hora. Pois quando o momento chegasse...

-Não temos medo do senhor. -declarou o menino, dando um passo à frente. -Sabemos muito bem quem o senhor é. Nós estamos aqui porque queremos uma coisa do senhor.

O necromante hesitou. Sabiam quem ele era? Como poderiam saber? Boatos eram apenas boatos. Ele vivia naquele lugar desde um tempo muito anterior, e quase ninguém além dele próprio sabia o que se passava do lado de dentro daquele castelo. Não, eles não sabiam. As crianças não sabiam de nada. E era melhor que fosse assim. Pois se não fosse, a sua própria existência não teria sentido algum.

-É mesmo? -ele perguntou à menina. -O que eu posso fazer por vocês?

-Sabemos que você é um necromante. -interferiu o menino, decidido.

O necromante virou-se, com os punhos fechados. O tempo todo, viera ignorando esse maldito menino. Essa criança. A criança que o lembrava dele mesmo. O garoto de cabelos dourados. Oito anos. Tinha apenas oito anos, mas possuía um brilho incomum no olhar. Não era o que ele esperaria de alguém que havia passado os últimos dias fugindo da fome e da guerra. Esse menino não estava consumido pelo desespero. Era exatamente o contrário. Essa criança exalava esperança. Uma esperança tola e juvenil. Uma esperança magnífica. O que alguém como ele iria querer de um necromante? Como uma criança tão bela esperava fazer um trato como um necromante?

-O que você quer de mim? -perguntou a ele, apertando a mão da menina.

-Eu... -o menino hesitou, vendo que a postura daquele homem havia mudado. Vendo que agora, sua irmã menor já estava nas mãos dele. Recuar agora não seria uma opção. -É verdade que você tem o poder de ressuscitar os mortos...?

Ressuscitar os mortos era impossível. Mesmo para um necromante.

-Claro que eu posso. -mentiu ele. -Mas não irei fazer isso, nem pra você nem pra ninguém. -sorrindo de forma preguiçosa, ele esperou pela resposta do garoto. Pelo primeiro sinal do desespero. Mas ele não veio. Ao invés disso, o menino apenas suspirou, e baixando o olhar, refletiu. O necromante conhecia aquele olhar. Não era o olhar de uma pessoa tola, movida por emoções. Era o olhar de um estrategista, de alguém que levava a vida de forma racional, e que sabia colocar na balança as coisas realmente importantes antes de fazer suas escolhas.

Oito anos. O garoto tinha oito anos, mas já tinha um espírito magnífico.

-Qualquer coisa. -ele murmurou enfim. -Nós faremos qualquer coisa, se você nos ajudar.

Qualquer coisa. A última cartada de um estrategista. Não restava dúvida alguma. Esse garoto era como ele. Não era a menina. Mas sim ele. O necromante o examinou. Pequeno e fraco.

Magro e ferido. Oito anos. E perfeito. Ele então olhou para a menina. Loira também, com cabelos cacheados. Uma princesa, como o irmão. Uma princesa que apanhava sua mão sem o menor sinal de malícia, e que por vontade própria entrava em seus domínios. Também perfeita.

Ele passou a mão num dos ombros da garotinha.

Eram um retrato impecável. Os dois irmãos despertavam no necromante uma sensação maior do que todos os prazeres que ele já havia experimentado. Traziam de volta sua infância destruída, sua inocência roubada. Pois aqueles que já conheceram as verdadeiras Trevas, não conseguiam mais fugir delas. Mais do que isso: vendo nos outros aquilo que ele já havia perdido, o necromante encontrava uma razão para a sua existência. Ele começava a compreender palavras que há muito tempo ecoavam em sua mente deturpada, como mantras diabólicos. Começava a encontrar sentido em coisas que antes não tinham a menor importância. Ou cuja importância ele sempre havia tentado negar.

Começava a perceber o prazer em coisas que antes lhe geravam repulsa. Na época em que ele era como essas crianças. Na época que seu mundo ainda era puro, e que ele não conhecia o mal nem o pecado. Começava a compreender o Senhor dos Mortos. E as duas pobres crianças, tolas e ingênuas, mal sabiam o que as esperava ao lado daquele homem. Não porque eram burras; decerto, eram crianças magníficas. Crianças fortes e inteligentes. Mas ainda eram crianças. Crianças conhecendo o sofrimento, no ápice de sua infância.

-Eu não vou ressuscitar ninguém -declarou o necromante, com os olhos esbugalhados.

-Mas posso ensinar vocês a fazê-lo. -com a mão esquerda, ele tocou no ombro do garoto. O garoto decidido, que tanto se parecia com ele. O garoto que com oito anos, abandonara toda uma vida em busca de algo que considerava mais importante. O garoto cheio de esperanças. -Eu serei o seu mestre. E vocês dois, os meus aprendizes. O que me dizem?

-Nós aceitamos. -respondeu o menino, sem titubear.

O necromante sorriu. Mais um capítulo da história estava para ser escrito. Haveria uma continuação. Seus devaneios doentios poderiam enfim terminar, junto com aquelas duas crianças. Junto delas, iria conhecer o prazer e a dor. E iria ensiná-las também. Iria ensiná-las tudo o que sabia. Iria treiná-las, e deixá-las prontas. Iria torturá-las, e quebrar seus espíritos em mil pedaços, para que pudessem ser reconstruídos de novo. Para que pudesse examinar seus fragmentos, buscando na dor dos outros, a dor que não se manifestava em seu peito. Iria arrancar, dilacerar, cortar, queimar, e então estudar o que tinha feito para tirar as suas próprias conclusões.

Ao seu lado, nem o garoto, nem a garota, podiam imaginar o que os esperava. Pois eram crianças, e crianças são puras por natureza. Porém, como toda criança, elas acabariam sendo maculadas, e se tornariam podres algum dia. Podres como ele. Também teriam sua infância destruída, e sua inocência roubada. E algum dia... Algum dia, uma dessas duas crianças estaria pronta para tomar o seu lugar.

Uma dessas duas crianças estaria pronta para se tornar mais um necromante de Asura.